

NARRATIVAS MIDIÁTICAS SOBRE A SEXUALIDADE: DEBATES NECESSÁRIOS NO ESPAÇO ESCOLAR

FELIPE, Delton Apdo¹

Universidade Estadual de Maringá (UEM) PR.

Resumo: A sexualidade humana é dos elementos para pensar a formação das identidades dos sujeitos, este texto tem como objetivo problematizar a seguinte questão: Quais as contribuições das narrativas midiáticas para trabalhar sexualidade no espaço escolar? Utilizamos os Estudos Culturais como chave de leitura por se caracterizar como um campo de estudo que analisa a mídia como um terreno de disputa no qual os grupos sociais lutam pelo domínio. No decorrer do texto defendemos a idéia de que ao levarmos as narrativas midiáticas sobre as diferentes sexualidades para o espaço escolar estamos fornecendo elementos para que os sujeitos sociais pensem e repensem suas identidades. Concluímos que ação pedagógica com as mídias para discutir sexualidade possibilita processo de visibilidade dessas múltiplas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensinadas na cultura, construindo assim valorização dos diferentes modos de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: Espaço escolar. Narrativas midiáticas. Sexualidade

Introdução

A sexualidade humana é uma dimensão da experiência social permeada por inúmeras questões, através dela todo um universo de desejo, crenças e valores são articulados afetando a subjetividade dos indivíduos e dos grupos sociais constituindo assim o que entendemos por nossa identidade. Todavia, os debates sobre a sexualidade humana nos espaços sociais estão permeados por processos de hierarquizações sociais e de invisibilidades. Sendo a escola um dos espaços sociais afetados por esses debates esse texto visa problematizar: Quais as contribuições das narrativas midiáticas para trabalhar sexualidade no espaço escolar?

As narrativas midiáticas veiculam os saberes sociais e com elas, as representações identidade. Como afirma Kellner (2001, p.9) há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas constituam sua identidade. “(...) A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades através das quais os indivíduos se inserem nas

¹ Historiador, Mestre em Educação e Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá.

sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global”

Para entendermos a relação entre narrativas midiáticas, sexualidade e espaço escolar e problematizar a questão proposta, utilizamos as contribuições teóricas dos Estudos Culturais, por dois motivos: O Primeiro porque defendemos as relações sociais como práticas de significação, produção, relação de poder que produzem e reproduzem identidades sociais. O segundo porque entendemos que a cultura que vivenciamos possibilita entender o que somos e quem somos, mesmo que forma provisória.

Além disso, os Estudos Culturais, a partir das formulações de autores como Hall (1997) e Costa (2000), discutem a centralidade dos artefatos culturais e suas imbricações com as escolhas e preferências dos sujeitos sociais. Como destaca Costa, os Estudos Culturais auxiliaram a compreender que “a mídia tem uma função na constituição das coisas que ela reflete” (Costa, 2000, p.73).

Mídia e sexualidade: e as construções de narrativas

Kellner (2001) afirma que a mídia é um terreno de disputa no qual os grupos sociais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas através de imagens, discursos, mitos e espetáculos. Considerando a natureza da mídia, pode-se afirmar que suas narrativas são marcadas por tensões, conflitos, diálogos entre diferentes culturas, saberes e lógicas.

Para Kellner (2001) as narrativas midiáticas podem constituir um entrave para a democracia quando reproduzem os discursos reacionários, promovendo racismo, o preconceito de sexo, gênero e sexualidade, idade, classe e outros. Mas essas mesmas narrativas podem propiciar avanço dos interesses dos grupos dominados quando ataca coisas como às formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, as enfraquecem com representações múltiplas sobre raça, sexo, gênero e sexualidade.

Dessa forma, podemos afirmar que uma das características da mídia enquanto campo de luta pelas representações é de dar lugar à pluralidade das vozes sociais, expressando a multiplicidade de formas culturais e incluindo os que parecem viver à margem da sociedade. O campo midiático, enquanto lugar que veicula imagens, sons e espetáculos sobre a realidade contribuem para a definição de papéis e da afirmação de valores e sentidos na sociedade.

O conjunto de representações gerado na sociedade é trabalhado pela mídia, que organizam essas de acordo com um conjunto próprio de estratégias comunicativas. Ao definir essas estratégias, muitas vezes a mídia cria e reforça representações do discurso social hegemônico. De acordo com Estudos Culturais um dos pressupostos das narrativas midiáticas é o de fornecer o maior número de “pontos de vistas” possíveis acerca de tema, esse processo pode ser entendido como desnaturalização, que em consonância com as formulações de Kellner (2001) permite o público resistir aos significados e as mensagens dominantes, criarem seu próprio modo de se apropriar das narrativas sociais.

No entanto, entendemos que diversos temas sociais veiculadas pela mídia são compreendidos como naturais, e não como socialmente construídos através dos múltiplos discursos nas narrativas sociais. Essa perspectiva condiciona também a forma como os indivíduos e os comportamentos são compreendidos, ou seja, numa perspectiva essencialista e universalizante, que não leva em conta os processos culturais historicamente construídos nas sociedades, tomando os pelo viés da “natureza”. Este viés se fundamenta em perspectivas do pensamento psico-biomédico, via de regra, utilizado para dar conta de fenômenos sociais (COSTA, 2000).

Na maioria das vezes essa perspectiva naturalizante dos sujeitos e dos comportamentos sociais por parte da mídia é o eixo que norteia a construção de sentidos sobre a representação das relações de gênero e sexualidade na sociedade contemporânea. Mais do que isso, ela se funda num padrão normativo ocidental hegemônico que, além de partir do pressuposto da heterossexualidade compulsória, hierarquiza e atribui valores aos sujeitos, às feminilidades, às masculinidades, aos arranjos sócio-afetivos e familiares, à sexualidade e às relações de poder. É através do conceito de normatividade, pautado em visão clínico-patológica construído na modernidade. É que estão fundados os valores responsáveis pela produção da maioria das narrativas e dos sentidos sobre comportamentos dos indivíduos e grupos na sociedade veiculada pela mídia, constituindo a idéia do que é normal, certo, correto.

Na mídia brasileira, por mais que temos uma hegemonia na forma de pensar e perceber a sexualidade essa experiência toma forma no plural; vários componentes ou subsistemas têm sido identificados como concorrendo para problematizá-la a sexualidade humana. Conforme Parker (1991) é possível identificar pelo menos quatro lógicas narrativas que se encontram em abrangência arraigados nas representações midiáticas sobre a sexualidade no Brasil:

A primeira forma de narrar sexualidade está ligada hierarquia de gênero que, situada no contexto de uma ordem social patriarcal, oferece, em seus cálculos de feminilidade/masculinidade ou passividade/atividade, a base para um complexo sistema de dominações simbólicas, estabelecendo relações hierárquicas não apenas entre homens e mulheres, mas entre uma série mais ampla de tipos classificatórios;

Essa lógica narrativa desconsidera a diferenciação entre os conceitos de gênero, sexualidade e sexo utilizando as como sinônimos, são conceitos e práticas inter-relacionados, mas não é mesma coisa e é imprescindível que esta relação seja percebida e trabalhada no âmbito da educação escolar. (LOURO 2008)

Uma segunda lógica narrativa sobre a sexualidade humana vinculada nas narrativas midiáticas é o do discurso científico sobre sexualidade, que emergiu nos finais do século XIX, e permanece atuante até os nossos dias, trazendo uma idéia de verdade sobre a bio-fisiologia dos corpos e prescrições para uma vida sexual saudável; focando ao mesmo tempo no “eu” sexual e na reprodução, mapeia “racionalmente” as “anormalidades”, criando outra forma de classificar as sexualidades padronizando o universo da vida sexual;

Essa lógica narrativa dá ênfase só às questões biológicas da sexualidade humana, não levando em consideração que essa sexualidade não é determinada pelo sexo do sujeito social, e que a sexualidade humana pode sofrer arranjos e desarranjos a partir de influências sociais, possibilitando assim múltiplas formas de vivência-lá (HALL, 1997).

Uma terceira narrativa midiática sobre a sexualidade humana está ligada à nossa herança religiosa judaico-cristã, em que visão religiosa, com ênfase no pecado e na culpa, na implicação do corpo e seus atos para a alma, constroem um discurso da punição do corpo em prol do “salvamento” da alma. Construindo também uma forma única de vivenciar a sexualidade e quem foge dessa forma é tomado como o amaldiçoado o pecador.

A lógica constitutiva dessa narrativa de acordo com Foucault (1988) foi responsável pela forma que a sexualidade humana foi tratada ao longo da história, construindo muitos dos processos de hierarquização sociais constitutivos a partir do gênero, sexo e sexualidade.

A quarta narrativa atualmente vinculada pela mídia sobre sexualidade humana traz redescrições de sentido para a sexualidade, como o discurso científico contemporâneo, onde social se opõe ao natural na disputa pelo que seria o sexo e sexualidade e como esta instância intervém ou é apreendida na ordem do mundo; e a voz questionadora de alguns

movimentos sociais, que têm no sexo um dos referente de luta, como o movimento gay e lésbico, o movimento feminista (LOURO 2008).

Essa perspectiva questiona a normatização das sexualidades humana e com base das formulações de Foucault afirmam que normatização das sexualidade são práticas discursivas que sistematicamente formam os objetos de que falam. Assim, devemos estudar esses discursos “criadores”, os interesses que os regiam e buscar determinar seus objetivos.

Estas e outras narrativas na arena midiática e terreno social se articulam, confrontam e dialogam na constituição de representações e práticas sobre a sexualidade humana. Alguns delas estão mais enraizados na sociedade brasileira e tem maior força na constituição dos discursos sociais e na disputa por representações, muitas tendo a mídia como seu principal difusor, outros estão por lutando para ganhar espaço no universo representacional; alguns são mais conservadores, outros mais questionadores do papel do sexo e sexualidade na organização do mundo social; alguns propõem e possibilitam estruturações de eventos mais equitativos e justos, outros continuam a vitimizar de diferentes modos sujeitos sociais, pelo seu modo de vivenciar sua sexualidade, carecendo ser denunciados, questionados, tensionados, desconstruídos ou re-ordenados de modo a proporcionar relações sociais mais justas.

Dessa forma concordamos com Kellner (2000, p 39) ao afirma que “quanto mais perspectivas incidem sobre um fenômeno, melhor poderá ser a percepção ou entendimento deste”, assim compreendemos que quanto mais diversas forem as representações que a mídia veicular sobre a sexualidade, maior será possibilidade de entendimento e identificação destas pelos sujeitos sociais.

Mídia e sexualidade no espaço escolar

O espaço escolar é, inevitavelmente, um espaço cultural e a sala de aula é um local em que as diferenças culturais borbulham a todo instante, visto que o ambiente escolar composto por seres humanos com distintas formas narrar o mundo e suas representações sobre este. Nesse sentido, ao narrar suas experiências e representações os sujeitos conferirem visibilidade aos seus saberes, ao seu modo de vida e suas relações sociais

Dessa forma a necessidade que temos de contar, ouvir, ver e ler narrativas, pode ser compreendidas como uma necessidade de se representar e representar o “outro”. As narrativas conferem sentidos e representa as experiências individuais e coletivas,

implicando em um processo contínuo de produção de identidades, que são posicionadas no interior dos diversos saberes sociais de acordo com compreensão que temos delas.

Sendo assim, pensar como as narrativas midiáticas podem ajudar a constituir as identidades dos sujeitos implica em pergunta: o que é identidade? Para Silva (2007) a identidade é construída por elementos individuais e sociais, mas é na relação indivíduo-sociedade que ela se modula. Nesse sentido, o homem e a mulher são seres sociais e políticos afetados por fatores externos como a cultura, a moral, religião e sexualidade. A identidade, portanto, não é um produto acabado, ao contrário, é resultante da tensão estabelecida entre os elementos internos e os externos ela oferece possibilidades de ser, agir e pensar que auxiliam na formulação de características individuais

Ao considerarmos a sexualidade humana como um dos elementos para pensar a formação da identidade dos sujeitos sociais é importante entendermos que vivência da sexualidade é individual e pode ser pensada como uma questão psicológica. Todavia, essa experiência é complexa, e se mistura com a experiência social e constitui elemento identitário dos grupos sociais. Dessa forma, as diferentes sexualidades proclamam as identidades, formas de apresentar-se e reconhecer-se, e estas exigem não só a construção social de pertença, mas também a elaboração e a interiorização de características valorativas de seu modo de ser.

Assim, ao levar as narrativas midiáticas sobre as diferentes sexualidades para o espaço escolar estamos fornecendo elementos para que os sujeitos sociais pensem e repensem suas identidades sociais, já que essas narrativas nos ensinam as histórias, os saberes pelas quais vivemos e ao mesmo tempo meios para refletir, questionar e criticar nossas representações sobre sexualidade como conceito único, pronto e acabado. Ou seja, as narrativas midiáticas sobre as diferentes sexualidades e formas de vivenciar essas nos oferecem espaços de visibilidades que estão sujeitos à compreensão que às representações são múltiplas.

Para Larrosa (1994) as narrativas é processo que confere sentido ao saberes sociais, pois é forma que sujeito imprime uma ordem lógica e temporal às suas sensações, percepções, vivências e recordações. Dessa se as diferentes narrativas sobre a sexualidade humana adentrarem o espaço escolar estaremos constituindo uma educação escolar que valorize os múltiplos sujeitos que estão nas salas de aulas.

A multiplicidade de narrativas sobre a sexualidade no espaço escolar será entendida como uma construção histórica e cultural constituída nas experiências de vida das pessoas.

Estando assim em consonância com as formulações de Foucault (1988) que afirma que a sexualidade é o nome que pode ser dado a um dispositivo histórico não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder.

Nessa perspectiva no espaço escolar a sexualidade será trabalhada enquanto construto histórico, e como tal passível de arranjos diversos, permitindo assim que as diversas sexualidades existentes sejam valorizadas enquanto na suas diferenças, rompendo com a pedagogia do ocultamento que cerca essa temática.

Narrativas da mídia sobre a sexualidade como estratégias políticas no espaço escolar

Conhecer a si e ao outro, perpassa pelo processo de sentidos atribuídos pelas narrativas que contamos, ouvimos e lemos, a produção de sentido não é uma atividade intra-individual, a produção de sentido é prática social, essencialmente dialógica, o que implica em entender que as narrativas constroem realidades sociais e processos identificatórios.

A produção de saberes também é construída por um cruzamento de narrativas, que ora se combinam que ora se negam. Nesse sentido compreensão das narrativas das mídias sobre sexualidade no espaço escolar como uma estratégia política demanda a compreensão de que Jovchelovitch (2008) chama de dimensões das representações, ou seja, é necessário perguntar sobre que condições particulares um sistema de saberes é produzido e sustentado.

Assim as dimensões das representações do saber se manifestam de várias formas e contribuem para pensar as múltiplas narrativas, suas criações, suas produções e divulgações contribuindo para a visibilidade da diversidade de ser, estar e agir no mundo. Assim a valorização das narrativas sociais implica no questionamento de conceitos únicos e na hierarquização de uma lógica de saber sobre outras.

Para Jovchelovitch (2008) todo saber é sempre sustentado por uma comunidade e deve ser compreendido no plural e não há única forma de narrá-los, mas muitas, dessa forma o saber é um ato que depende de quem sabe, o que sabe, por que sabe, para que alguém sabe. O saber é forma heterogenia e maleável, cuja racionalidade e lógica não se

define por uma norma transcendental, mas em relação ao contexto social, psicológico e cultural de uma comunidade.

O saber é móvel, transforma-se, assume novas e diferentes roupagens ao ser inserido em campos epistemológicos variados, essas transformações do saber e na forma que eles são narrados têm origens nas relações sociais em jogo e na forma que queremos grupos sejam representados. As experiências humanas, inclusive a sexualidade, são construções e interpretações que não são únicas e nem verdadeiras, mas subjetivas, relativas e políticas. A sexualidade assumi diversas formas de expressão, formas que estão relacionadas as demais dimensões da vida social na produção e reprodução dos valores que constituem a vida coletiva. Em outras palavras, cada sexualidade expressa visões particulares, significados próprios de determinadas culturas e insere-se na disputa pela manutenção do poder. Sendo assim a narrativas tem como características, construir processos de valorização ou desvalorização dos múltiplos sujeitos, dependerá sempre dos interesses que estão em jogo ao narrar.

Valorizar os múltiplos sujeitos sociais pressupõe uma ação que não se limite apenas em reconhecer que os saberes são diferentes, mas necessário entender que suas lógicas constitutivas também são diferentes, visto que as suas dimensões representativas atende interesses diversos. Santos (2006) afirma que isto só será possível se for adotado uma pedagogia que valorize a alteridade.

Gusmão (1997, p.16 -17) argumenta que a alteridade será possível somente “num processo inverso ao da homogeneização proposta pelo campo político das relações entre povos e culturas distintas”. Compreender o “outro” significa “relativizar o próprio pensamento para construir um conhecimento que é outro”. Enfim, o processo de “ver-se” e “ver o outro” exige um esforço para entender a cultura do outro e compreender as suas categorias de percepção dentro de um contexto histórico concreto, tanto no senso comum quanto no conhecimento científico.

Para estabelecer um processo de alteridade entre os múltiplos sujeitos é preciso reconhecer o “outro” e entender que ser diferente ou fazer diferente não pode ser critério para exclusão. Por isso que os conceitos homogêneos, estáveis e permanentes devem ser questionados, as certezas que foram socialmente construídas devem ser fragilizadas e desvanecidas. É imperativo, portanto, a desconstruir, pluralizar, ressignificar e reinventar identidades, subjetividades, saberes, valores, convicções e horizonte de sentidos. Somos

obrigados a assumir o múltiplo, o plural, o diferente, o híbrido, na sociedade como um todo (CANDAU, 2005)

A diversidade é um componente do desenvolvimento biológico e cultural da humanidade. Ela se faz presente na produção de práticas, saberes, valores, linguagens, técnicas artísticas, científicas, representações do mundo, experiências de sociabilidade e de aprendizagem. Todavia, há uma tensão nesse processo. Por mais que a diversidade seja um elemento constitutivo do processo de humanização, há uma tendência nas culturas, de um modo geral, de ressaltar como positivos e melhores os valores que lhe são próprios, gerando um certo estranhamento e, até mesmo, uma rejeição em relação ao diferente. É o que chamamos de etnocentrismo. Esse fenômeno, quando exacerbado, pode se transformar em práticas xenófobas (aversão ou ódio ao estrangeiro) e em racismo (crença na existência da superioridade e inferioridade racial). (GOMES, 2007, p.18)

Construir os caminhos para valorizar os sujeitos socialmente não pode ser só um exercício de perceber os diferentes, de tolerar o “outro”. Antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença é preciso explicar de que essa diferença foi produzida historicamente e quais são jogos de poder estabelecido por ela. Como nos alerta Silva (2000), a diversidade biológica pode ser um produto da natureza, mas não podemos afirmar o mesmo sobre a diversidade cultural. De acordo com autor, a diversidade cultural não é um ponto de origem, ela é em vez disso um processo conduzido pelas relações de poder constitutivo da sociedade que estabelece o “outro” diferente do “eu” e “eu” diferente do “outro” como uma forma de exclusão e marginalização

Como afirma Jovchelovitch (2008) a um potencial emancipatório em reconhecer as diversas lógicas de saberes, demanda necessariamente o reconhecimento e valorização dos múltiplos sociais em relação, transformando a narrativas únicas que são geralmente centradas no “eu”, ou no “outro”, em narrativas que estão centradas no “eu” e “outro”, em relações valorativas, constituindo assim o “nós”.

Dessa forma é necessário compreender que no espaço escolar a sexualidade é um elemento determinante na constituição dos sujeitos, pois os caminhos de nossa sexualidade são constituidores de formas de expressão, de prazer, de visibilidades e relações sociais, estão recoberto de símbolos, rituais e valores que estruturam e dão coesão às práticas e instituições sociais, ou seja, nossos hábitos sexuais dependem da construção social das relações entre os seres humanos.

Nesse sentido, não se pode perder de vista que ter determinada prática sexual carrega mais elementos do que simplesmente os comportamentos individuais em si, as diversas práticas sexuais estão historicamente entrelaçadas por relações sociais, identidades sociais e formas de inserção no mundo público.

As narrativas midiáticas podem colaborar com o processo de visibilidade dessas múltiplas quando demonstra como afirma Louro (2008) que há muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada ou amada são ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram, tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador, Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la.

Considerações

A construção do processo identitário dos múltiplos sociais perpassa necessariamente pelo reconhecimento das diversas sexualidades. Construções de formas de pensar que permita perceber multiplicidade da sexualidade humana demandam o constante questionamento das narrativas únicas, das normas e das condutas sociais hierarquizadas, duvidar do que foi e é afirmado como natural, questionar as narrativas pré-estabelecidas como verdades.

Embora com limitações, a pluralização das narrativas sociais sobre a sexualidade humana no espaço escolar, assim como os intercâmbios de saberes em que se leve em consideração o “eu e “outro” como sujeitos em relação com lógicas distintas pode levar ao reconhecimento das diversas identidades culturais existentes e construção de processos de reconhecimento das diferentes experiências vivenciada, possibilitando que os diferentes sujeitos sejam valorizados e respeitados ao em todas suas características identitárias.

Em suma, a problematização das narrativas midiáticas, sexualidade e espaço escolar em relação permitem construir os caminhos para valorizar os sujeitos socialmente, constituindo narrativas sociais e midiáticas que, para além de tolerar, respeite e admita a diferença de modo se ser e estar no mundo.

Referências:



CANDAU, Maria Vera (org). **Cultura(s) e educação**: entre o crítico e pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

COSTA, Marisa V. Mídia, magistério e política cultural. In: COSTA, Marisa V. **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 2000

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1988.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf> Acesso em 20 dez. 2010.

GUSMÃO, N. M. M. . Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. **Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas**. São Paulo/Campinas, v. 107, n. 0, p. 15-21, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os Contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.

LARROSA, J. Tecnologías do eu e educação. In: SILVA, T. T. (org) **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994

LOURO. Guacira. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes 2008.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo, Best Seller, 1991.



SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez , 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.